



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS



O ESPAÇO DO SERTÃO: QUESTÕES HISTÓRICAS EM *VIDAS SECAS* (1938), DE GRACILIANO RAMOS, E SUA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA

Deoclécio Freire de Macêdo Júnior¹
Margareth Torres de Alencar Costa²

Resumo: Este artigo propõe uma análise comparativa entre o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e a homônima adaptação cinematográfica, dirigida por Nelson Pereira dos Santos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório que investiga como ambas as obras representam o espaço do sertão nordestino e o processo migratório dos retirantes, explorando as especificidades de cada meio artístico e as nuances introduzidas na adaptação cinematográfica. A partir de uma leitura atenta das obras, o estudo busca compreender como o sertão é construído literariamente e cinematograficamente, analisando a linguagem utilizada, os símbolos empregados e a forma como o espaço influencia a vida e a trajetória dos personagens. Além disso, o artigo examina como o processo migratório é retratado em cada obra, considerando os desafios enfrentados pelos retirantes, suas expectativas e a relação com a terra. Ao comparar as duas obras, o objetivo é identificar as convergências e divergências entre a representação do sertão e da migração, bem como analisar as escolhas estéticas e narrativas de Nelson Pereira dos Santos na adaptação cinematográfica. Para tanto, são utilizados estudiosos da adaptação como Sylvie Debs (2010), Juracy Assmann Saraiva (2003), dentre outros, bem como alguns estudos sobre a temática da seca, do sertão e do Nordeste. A pesquisa tem por finalidade contribuir para um aprofundamento dos estudos sobre a literatura brasileira, o cinema nacional e a representação da realidade social e geográfica do Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Vidas Secas. Graciliano Ramos. Sertão. Migração. Cinema.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em, Letras, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: deocleciofreiredemjunior@aluno.uespi.br.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2013). Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI. Linha de Pesquisa – Literatura, Historiografia e Memória Cultural. E-mail: margarethtorres@cchl.uespi.br.

INTRODUÇÃO

Graciliano Ramos, em sua obra-prima *Vidas Secas* (1938), teceu um painel realista e cru da vida no sertão nordestino, retratando a saga de uma família de retirantes em busca de sobrevivência diante da seca e da miséria. A adaptação homônima de Nelson Pereira dos Santos, lançada em 1963, trouxe para as telas a força da narrativa literária, ampliando o alcance da denúncia social presente no romance.

Este artigo propõe uma análise comparativa sobre a construção histórica do espaço do sertão e o processo migratório dos retirantes, conforme representados tanto no romance de Graciliano Ramos quanto na adaptação cinematográfica de Nelson Pereira dos Santos. A partir de uma leitura atenta das duas obras, busca-se identificar as estratégias narrativas e os recursos estéticos utilizados por cada um dos autores para construir a imagem do sertão e dos personagens, bem como as especificidades e as convergências entre as duas representações.

Ao confrontar as diferentes linguagens artísticas – a literária e a cinematográfica – este estudo pretende aprofundar a compreensão sobre a complexidade do tema da migração no contexto da realidade brasileira, como o sertão e o migrante é retratado nas duas obras, além de destacar a importância de *Vidas Secas* como um marco na literatura e no cinema nacional.

É importante ressaltar que a adaptação cinematográfica, por mais fiel que seja, sempre envolve escolhas e criatividade por parte do diretor e da equipe. Por isso esta análise também buscar levar em conta o contexto histórico em que as obras foram produzidas, bem como as características do Realismo Regional e do Cinema Novo, além de elementos visuais como fotografia, montagem e trilha sonora.

O HISTÓRICO DA SECA E DA MIGRAÇÃO NO CENÁRIO DO SERTÃO

A história do sertão nordestino é marcada por um ciclo intrincado de seca e migração. Essas duas realidades, interligadas e persistentes, moldaram a identidade cultural, social e econômica da região. Ao longo dos séculos, os sertanejos enfrentaram longos períodos de estiagem, que, por sua vez, impulsionaram massivas ondas migratórias em busca de melhores condições de vida. Os primeiros relatos de

seca na região datam do início do processo de colonização portuguesa no Brasil. Segundo Pedro Henrique Barreto:

Até a primeira metade do século 17, quem ocupava as áreas mais interioranas do semiárido brasileiro era a população indígena. Uma das primeiras secas que se tem notícia aconteceu entre 1580 e 1583. As capitanias tiveram seus engenhos prejudicados, as fazendas sofreram com a falta de água e cerca de 5 mil índios desceram o sertão em busca de comida. Somente no século seguinte é que os chamados “sertanejos” passaram a ocupar a região conhecida como Polígono das Secas – parte de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e também norte de Minas Gerais. (Barreto, 2009)

Essa intensificação do povoamento do interior da região nordeste, da região do sertão, se dá de forma mais intensa devido a proibição da criação de gado em uma faixa de dez léguas, do litoral em direção ao sertão (Barreto, 2009). Isso fez com que o confronto entre o homem e a estiagem da região do sertão ficasse ainda mais evidente ao longo dos anos. No século seguinte, secas prolongadas e intensas tiveram um impacto devastador sobre a vida dos sertanejos, levando a fome, desnutrição e doenças, ao ponto em que “fiscais da Câmara chegaram a pedir ao rei que enviasse escravos, pois os que habitavam a região haviam morrido de fome” (Barreto, 2009).

No século XIX, mais precisamente entre 1877 e 1879, ocorreu um dos eventos mais trágicos da história do Brasil: “A grande seca”. Atingindo principalmente o Nordeste, a escassez de chuvas provocou uma catástrofe humanitária de proporções gigantescas, marcando profundamente a região e a sociedade brasileira. Segundo Barreto (2009) “os efeitos foram catastróficos. Há quem estime que doenças, fome e sede dizimaram mais da metade da população do Ceará, que tinha 800 mil habitantes”. Ainda segundo o estudioso:

Após a catástrofe de 1877, as autoridades do império começaram a ter uma maior preocupação com o assunto. O imperador D. Pedro II chegou a cunhar a célebre frase: “Não haverá uma única joia na Coroa, mas nenhum nordestino morrerá de fome”. Criou-se a comissão imperial para desenvolver medidas que pudessem atenuar futuras secas. Da adaptação de camelos, construção de ferrovias e açudes e a abertura de um canal para levar água do rio São Francisco para o rio Jaguaribe, no Ceará, muito pouco saiu do papel. (Barreto, 2009)

Desde então, muitas medidas paliativas foram tomadas para enfrentar o problema da seca no sertão. Infelizmente muitas delas se mostraram insuficientes ou até mesmo contraproducentes. A seca é um fenômeno natural e cíclico, ou seja, ela

se repete em intervalos de tempo variáveis. Medidas pontuais, como a construção de açudes e a distribuição de alimentos, podem aliviar o sofrimento da população durante períodos de estiagem, mas não resolvem o problema de forma definitiva.

Muitas das medidas adotadas foram emergenciais, visando apenas atender às necessidades imediatas da população afetada. A falta de um planejamento a longo prazo, com ações voltadas para a prevenção e a adaptação às mudanças climáticas, limitou a eficácia dessas medidas. Uma das soluções adotadas pelo governo foi a criação de trabalhos temporários, principalmente na região norte, durante o período do ciclo da borracha, o que gerou uma onda crescente de migrações, ocasionando problemas econômicos para a região do sertão. Barreto (2009) afirma que “a migração também foi um dos pontos agravados. Um enorme contingente de habitantes dessa área, castigada pela estiagem, partiu para a Amazônia e estados vizinhos. Foi daí que o conceito de retirante surgiu”.

A criação de frentes de trabalho temporárias gerou renda para a população migrante durante os períodos de seca, mas não garante a sua sustentabilidade a longo prazo. Ainda assim, afirma Ferreira *et al.* (2020, p. 15, apud Souza, 1909, p. 173), por “apego do nordestino à terra natal”, o “nordestino enxotado pela seca para terras longínquas passada a calamidade retorna ao torrão natal”. Todas essas medidas paliativas só começaram a surgir após a “Grande Seca”, pois:

A resposta à situação de emergência das comunidades se resumiu durante décadas ao auxílio às vítimas de forma assistencialista e limitado à atribuição de esmolas e alguns produtos recolhidos em peditórios particulares. O auxílio federal poderia demorar meses a chegar, registrando enormes atrasos, agravados por desvios e roubos dos produtos. Até a Grande Seca de 1877-1879 não havia nenhuma política pública de suporte, apenas apoio assistencialista com base em peditórios realizados nas grandes cidades. (Ferreira *et al.*, 2020, p. 16)

Esse mero assistencialismo, aos flagelados da seca, evoluiu para algo ainda mais grave durante a seca de 1915, quando o governo do Ceará criou uma espécie de campo de concentração, para impedir a entrada de migrantes nas grandes cidades. Ferreira *et al.* afirma que:

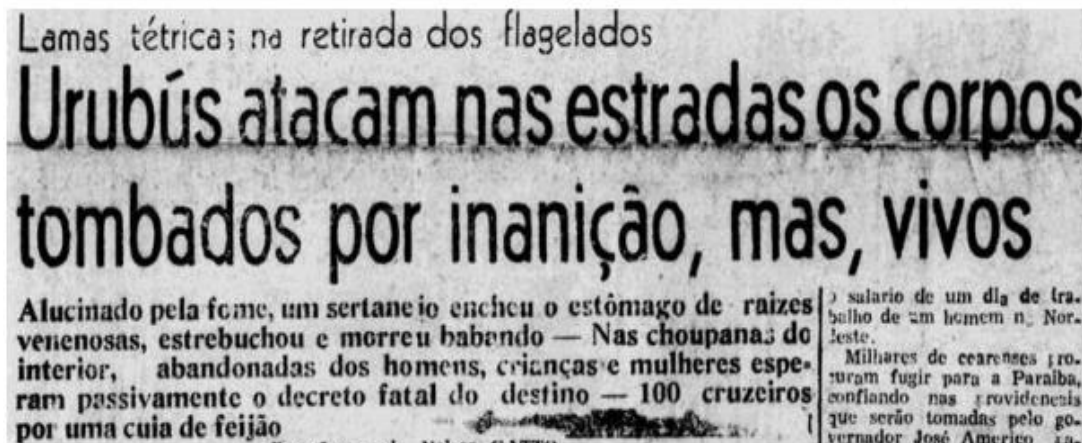
As grandes secas de 1915 e 1932 levaram à criação, no estado do Ceará, de campos de concentração para controlar os retirantes com o argumento de que iam provocar desacatos e roubos das cidades de acolhimento, entre as quais Fortaleza. Muito recentemente, foi tombado um casarão pertencente ao antigo campo de concentração de retirantes na zona rural de Senador

Pompeu e que serviu para confinar retirantes e evitar que eles chegassem a Fortaleza. (Ferreira *et al*, 2020, apud G1 Jornal Nacional, 2019)

Esses locais, longe de serem centros de ajuda humanitária, transformaram-se em verdadeiros campos de extermínio social, onde milhares de nordestinos, vítimas da fome e da miséria, foram confinados em condições subumanas. Os internos eram submetidos a condições de vida precárias, com falta de água potável, alimentos e assistência médica. A vida nos campos de concentração era marcada pela miséria e pela morte. Os internos sofriam com a fome, a sede, as doenças e a falta de higiene. A taxa de mortalidade era altíssima, e muitos não resistiam às condições adversas. Além disso, os campos de concentração eram palco de diversas violações aos direitos humanos, como trabalho forçado e castigos físicos.

Em 1939, uma manchete do jornal Diário de Natal relata de forma dramática a jornada de retirantes cearenses, em viagem para a Paraíba, descrevendo o percurso de forma desesperadora, relatando episódios de suicídio, tendo até mesmo pessoas sendo comidas ainda vivas pelos urubus.

Figura 1.



Fonte: Diário de Natal, 18 de setembro de 1939

Ainda sobre a seca de 1939, relata casos de aproveitadores que se utilizavam da vulnerabilidade dos retirantes da seca para obterem vantagens, principalmente de cunho econômico. Sobre uma notícia também publicada no mesmo jornal, na mesma edição, Oliveira *et al* (2020) informa sobre a “necessidade de combater traficantes e agenciadores que transformam uma ilusão num drama ainda maior”.

Já durante a seca de 1951, o jornal Diário de Natal deu destaque para a grande onda de migrações de nordestinos para a região sul do país, denunciando ações desumanas pelas quais aproveitadores fizeram passar os migrantes, com oferecimento de dinheiro aos retirantes para que deixassem suas filhas e esposas sofrerem abusos sexuais.

Figura 2.



Fonte: Diário do Nordeste, 31 de março de 1951

Além dos atravessadores e demais aproveitadores do flagelo da seca, um novo problema relacionado a esse fenômeno surge, no início do século XX, e é intitulado como “indústria da seca”. A indústria da seca não se refere à seca em si, mas à maneira como esse fenômeno natural é explorado por alguns grupos para obter vantagens políticas e econômicas. Essa exploração se dá através de diversas práticas, como: a distribuição de recursos e benefícios, como alimentos e água; desvio de verbas destinadas ao combate à seca, por parte de políticos locais; dentre outras práticas. Segundo Ferreira *et al* (2020, p. 17), durante as secas de 1979 a 1983, proprietários locais usaram sua rede de influências para obterem apoio para fins privados, alimentando o coronelismo e o paternalismo.

Portanto, a seca, um fenômeno climático recorrente no sertão nordestino, tem moldado a história e a sociedade da região sertaneja há séculos. Associada a outros fatores como a desigualdade social, a concentração de terras e a falta de investimentos em infraestrutura, a seca tem impulsionado processos migratórios intensos, marcando profundamente a vida de milhões de pessoas, pois segundo Ferreira:

As políticas públicas têm buscado reduzir as desigualdades sociais e melhorar a condição de vulnerabilidade social do agricultor familiar, mas sem que um conjunto de estereótipos tenham desaparecido por completo. Não é apenas o retirante o visado, é todo o Nordeste. (Ferreira *et al*, 2020, p. 18)

Desta forma, o mantimento do estereótipo da seca, do sertanejo e consequentemente do Nordeste ainda perdura e se reflete de forma contumaz na literatura e diversas mídias, como será visto adiante. Pois embora as grandes migrações em massa, como as ocorridas no século XIX e XX, tenham diminuído em frequência, a migração continua sendo uma realidade no Nordeste. No entanto, o perfil dos migrantes e os destinos das migrações têm se alterado ao longo do tempo.

VIDAS SECAS: ENTRE A PÁGINA E A TELA

Vidas Secas (1938), obra-prima de Graciliano Ramos, nos transporta para o árido sertão nordestino, onde acompanhamos a jornada de uma família de retirantes em busca de sobrevivência. O romance é um retrato cru e realista da miséria, da seca e da luta pela dignidade humana.

O romance narra a história de Fabiano, um homem rude e de poucas palavras, que lidera sua família, composta por Sinhá Vitória, sua esposa, e seus dois filhos. Acompanhados por Baleia, sua fiel cadela, eles vagam pelo sertão em busca de água e de um pedaço de terra para cultivar. A seca implacável e a exploração dos poderosos os levam a uma vida de sofrimento e privações.

Fabiano é um homem rude, de poucas palavras e marcado pela dureza da vida no sertão. Sua relação com a linguagem é complexa, muitas vezes expressando-se por meio de grunhidos e gestos. Apesar de sua aparência bruta, ele demonstra um profundo amor por sua família e uma imensa vontade de oferecer uma vida melhor para eles. O sonho de Fabiano é ter uma terra para cultivar e garantir o sustento de sua família. Ele busca uma vida mais estável e livre das constantes migrações.

Sinhá Vitória é uma mulher forte, resiliente e mais esperta que Fabiano. Ela é capaz de fazer contas e planejar as atividades da família. Seu sonho de ter uma cama de couro simboliza o desejo por um conforto que nunca experimentou. Seus filhos são crianças marcadas pela miséria e pela falta de oportunidades. O menino mais velho, por exemplo, demonstra curiosidade sobre o mundo ao seu redor e questiona a razão da pobreza.

Baleia, a cadela da família, é mais que um animal de estimação. Ela é uma companheira fiel e amada por todos, especialmente pelos meninos. A felicidade de Baleia está em ficar junto de sua família, recebendo carinho e proteção, além de sonhar com uma terra cheia de preás, onde enfim poderia se alimentar fartamente.

Graciliano Ramos utiliza uma linguagem simples e direta para construir seus personagens. Através de poucos traços, ele consegue transmitir a complexidade de cada um deles e a profundidade de seus sentimentos. A ausência de grandes descrições físicas e psicológicas permite que o leitor projete suas próprias interpretações sobre os personagens, além de representar simbolicamente a dureza e a secura do próprio espaço do sertão refletido nesses personagens.

O ambiente do sertão é retratado como árido, seco, com paisagens que dificultam a sobrevivência: “Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força” (Ramos, 1938, p.15). Esse trecho demonstra como a personagem é moldada por um espaço repleto de entraves, que lhe priva até mesmo da liberdade de se expressar como desejado.

Assim, o ambiente é refletido nas próprias características das personagens, que são retratadas de forma animalesca, com pouca verbalização, duras e difíceis, mas com um fundo de esperança em uma vida melhor. Essa esperança cresce nas personagens quando o próprio sertão se renova com a chegada das chuvas, despertando nas personagens força para continuar a sobreviver e criar planos para uma melhora em sua qualidade de vida, como fica caracterizado no trecho a seguir:

A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, Sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde. (Ramos, 1938, p.31)

A chegada das chuvas interrompe a rotina de sofrimento e privações, abrindo um horizonte de possibilidades. A família, acostumada à luta pela sobrevivência, vê na água a promessa de uma vida melhor. A imagem da terra úmida desperta em Fabiano e Sinhá Vitória os sonhos adormecidos de ter uma terra própria para cultivar o solo. A possibilidade de plantar e colher representa a segurança e a independência que tanto almejam.

As personagens, marcadas pela desesperança, passam a experimentar um misto de alegria e expectativa. A esperança se torna uma força motriz, impulsionando-os a buscar um futuro mais promissor. A esperança, no entanto, é frágil e facilmente abalada. A seca, como um ciclo implacável, pode retornar a qualquer momento,

destruindo todas as expectativas. A vida no sertão é marcada pela incerteza e pela precariedade. A família de Fabiano, acostumada à miséria, sabe que a felicidade é um estado passageiro, e mesmo com a volta das chuvas, a família enfrenta diversas dificuldades, como a falta de recursos financeiros e a exploração dos poderosos.

Na adaptação fílmica de Nelson Pereira dos Santos, de 1963, o sertão recebe uma roupagem mais elaborada por meio dos recursos visuais, sonoros e interpretativos que o cinema proporciona. Nelson Pereira dos Santos realizou uma bela adaptação do romance de Graciliano Ramos, intensificando a força de seus personagens. A linguagem cinematográfica, com suas imagens poéticas e a trilha sonora marcante, dinamiza a experiência do espectador, proporcionando uma imersão profunda no universo de Fabiano e sua família.

Ainda sob a perspectiva de seca e miséria, o filme utiliza-se de técnicas visuais que reproduz no espectador essas sensações, como o uso “estourado” da câmera, onde o excesso de luz proporciona essa dimensão, como demonstra a cena retratada na imagem 1, extraída do filme.

A câmera de Nelson Pereira dos Santos captura a beleza crua e a aspereza do sertão, com suas paisagens desoladas, o céu cinzento e a terra rachada. Essa representação visual intensifica a sensação de sofrimento e precariedade da vida no sertão.

Figura 3 – Cena do filme Vidas Secas



Fonte: Vidas Secas (1963)

A luminosidade intensa e contrastante do sertão é utilizada para criar uma atmosfera de opressão e desespero. As sombras longas e a luz vibrante intensificam a sensação de calor e de sofrimento. As cenas em aberto também revelam a ideia do

diretor em criar uma perspectiva de vastidão desértica para o ambiente do sertão, como na imagem 2 (dois).

Outro recurso utilizado para corroborar com essa ideia são os efeitos sonoros, ou em muitos casos, a ausência deles. Nelson Pereira soube aproveitar a pouca presença de diálogos, já contida na obra de Graciliano Ramos, para dar ainda mais protagonismo ao sertão. A paisagem árida, com suas árvores retorcidas e o solo rachado, reflete a condição humana dos personagens, marcada pela dor e pela angústia. O sertão é retratado como uma força da natureza hostil e implacável, que impõe seus próprios ritmos e leis.

Figura 4 – Cena de abertura de Vidas Secas



Fonte: Vidas Secas (1963)

A seca, protagonista indiscutível em *Vidas Secas* (tanto obra literária quanto adaptação fílmica), não é apenas um elemento narrativo, mas um reflexo da realidade vivida por milhares de nordestinos ao longo da história. Graciliano Ramos, com sua sensibilidade e maestria, transforma essa tragédia natural em um retrato cru e comovente da miséria e da luta pela sobrevivência.

A seca, em *Vidas Secas*, é muito mais do que um fenômeno climático. Ela simboliza a adversidade, a injustiça social e a falta de oportunidades. A ausência de chuvas impulsiona a família de Fabiano a uma jornada incessante em busca de água e de um lugar para viver. A cada estiagem, a esperança renasce e logo se esvai, intensificando o sofrimento dos personagens. O ciclo interminável desse fenômeno natural pode ser observado na adaptação de Nelson Pereira dos Santos por meio dos efeitos sonoros presentes no filme.

O preenchimento sonoro das cenas fica por conta de um vazio ou por sons ambientais. A adaptação se inicia e finda com um barulho estridente, associado as rodas de carros de boi, transporte comum na região, sinalizando os ciclos que compõe a obra de Ramos: a seca, a migração, a pobreza e a própria condição humana no Sertão.

Mesmo diante da impossibilidade de fuga desses ciclos, tanto na obra literária quanto na adaptação, os personagens sonham e almejam para si e os filhos uma vida melhor, que só seria alcançada longe do vasto sertão, o grande protagonista nas duas obras, aquele que dá, que tira e assim torna “forte” o sertanejo. Como expresso no romance, apesar do movimento das personagens no Sertão e a tentativa da fuga, há um aprisionamento existencial que invoca uma possibilidade de que o sonho de uma vida melhor não será concretizado:

Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes. (Ramos, 1938, p.20)

Assim, o ambiente do sertão, e conseqüentemente da região nordeste, é contado e recontado por meio da adaptação de Nelson Pereira dos Santos, reafirmando-o como um lugar de miséria, seca e exploração. Essa imagem foi propagada com a intenção de criar uma identidade nacional, partindo de uma identidade regional, que serve de base para os movimentos onde se encontram as duas obras: o Movimento Modernista (mais precisamente o da geração de 30), no que tange a obra de Ramos, e o Cinema Novo, onde se insere a adaptação fílmica da obra.

Tanto na obra *Vidas Secas* quanto na adaptação fílmica de mesmo nome, percebemos certas semelhanças, que obviamente não diz somente ao enredo, como diferenças, já que se tratam de mídias diferentes. Segundo Juracy Assmann Saraiva:

“Narrar é expor uma série de fatos ou acontecimentos vivenciados por personagens em determinado espaço e tempo. Logo, para que haja uma narrativa é imprescindível a institucionalização da presença do emissor do relato, que, movido por certa intencionalidade, transmite uma experiência singular a um destinatário, colocando em ação, por este fim, um conjunto de códigos, de operações e de procedimentos.”(Saraiva, 2003, p. 10)

Dessa forma, há na obra literária uma certa intencionalidade evidenciada pela denúncia sobre as condições de vida do sertanejo, cada vez mais difícil em virtude não só das condições naturais do espaço, como também das sociais, retratadas pela má distribuição de terras e estratificação da sociedade.

A adaptação também demonstra esta preocupação, porém suas intenções extrapolam a narrativa, pois buscam por meio da representação no cinema de uma obra consagrada da literatura brasileira, criar um projeto de identidade nacional do cinema brasileiro denominado Cinema Novo.

Esse movimento, inspirado no Neorrealismo italiano e que teve como principais expoentes Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, caracteriza-se como “uma ideia de realismo verdadeiro, um cinema engajado à procura de uma estética de identidade brasileira” (Ribeiro, 2017, p. 07).

Ainda que louvável a defesa do social, comum nas duas mídias, a adaptação acaba por revalidar uma imagem estereotipada do sertão. Ao animalizar seus protagonistas, Graciliano Ramos os caracteriza de forma hiperbólica e contraditória, dando a eles consciência de sua animalização.

“Olhou em torno, com receio de que fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: - Você é um bicho, Fabiano. Isso para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades” (Ramos, 1938, p. 08)

Na obra de Nelson Pereira dos Santos esse aspecto é reforçado pela ausência de diálogos e de musicalidade, excetuando-se a cena do reisado, que é apresentada como forma de demonstrar a civilidade presente na cidade e nas pessoas ricas que lá habitam, além de reforçar a cultura e tradições do país, enfatizando assim a busca pela identidade nacional presente nos filmes brasileiros.

“De um lado, uma sequência mostra o fazendeiro patrão de Fabiano, símbolo da classe opressora e detentora latifundiária que explora o homem fragilizado pela miséria. Cercado pela família e amigos, eles contemplam a festa regada à boa bebida e à boa comida. Do outro lado, a sequência mostra a família de retirantes que agoniza em sua miséria.” (Ribeiro, 2017, p.12)

A adaptação utiliza-se também dos recursos de iluminação como forma de caracterizar o sertão como uma terra seca e quente. A própria opção pela filmagem em preto e branco demonstra que ali trata-se de uma terra sem cor e sem vida.

“Não podemos esquecer que *dis-cursus* é, originalmente, a ação de correr para todo lado, são idas e vindas, *démarches*, intrigas e que os espaços são áreas reticulares, tramas, retramas, redes, desredes de imagens e falas tecidas nas relações sociais. As diversas formas de linguagem, consideradas neste trabalho, como a literatura, o cinema, a música, a pintura, o teatro, a produção acadêmica, o são como ações, práticas inseparáveis de uma instituição. Estas linguagens não apenas representam o real, mas instituem reais. Os discursos não se enunciam, a partir de um espaço objetivamente determinado do exterior, são eles próprios que inscrevem seus espaços, que os produzem e os pressupõem para se legitimarem. O discurso regionalista não é emitido, a partir de uma região objetivamente exterior a si, é na sua própria locução que esta região é encenada, produzida e pressuposta. Ela é parte da topografia do discurso, de sua instituição. Todo discurso precisa medir e demarcar um espaço de onde se enuncia.” (Junior, 2011, p. 34)

O cinema possui, portanto, um grande poder transformador que pode ser usado como ruptura ou perpetuação de certos estereótipos. Capaz de produzir discursos que recriam o próprio espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível averiguar certas características comuns entre a obra de Graciliano Ramos e a adaptação de Nelson Pereira dos Santos, que vão além do texto e da temática da seca do sertão nordestino, mas que se aprofunda na reflexão e denúncia da “exploração do homem pelo homem” (Ribeiro, 2017, p. 16). Criadas em épocas difíceis do cenário político do país (sendo a obra literária nascida dentro do Estado Novo e a adaptação exibida meses antes do golpe de 1964), as narrativas de *Vidas Secas*, romance e filme, nascem como crítica à dominação de poder de cada época de produção, respectivamente.

Outro fato que assemelha as obras são a busca pela identidade nacional, partindo da criação de um imaginário regional. Ramos, juntamente com outros escritores de seu tempo, que compunham o movimento modernista de 30, tomaram a temática do sertão como forma de diferenciar a região nordeste das demais regiões do país, individualizando-a por meio de suas características climáticas, geográficas e sociais, criando assim um estereótipo de que ainda se perpetua por meio das mídias, reafirmando uma relação de poder.

O cinema também se serve com o mesmo interesse, pois “o Nordeste, e mais especificamente o sertão, tem constituído, desde o século XIX, um referencial cultural

recorrente no imaginário brasileiro como fonte de inspiração e produção artísticas” (Debs, 1955, p.26), reproduzindo e recriando estereótipos sobre essa região.

Há de se destacar que além das características em comum, a obra de Nelson Pereira reinventa a obra de Ramos no sentido de que traz recursos visuais e sonoros que corroboram com as temáticas abordadas. Vale ressaltar que “a adaptação é uma repetição, porém repetição sem replicação” (Hutcheon, 2013, p. 28).

Portanto, a obra cinematográfica *Vidas Secas*, além de realizar homenagem a obra literária, também a questiona num misto de “homenagem contestadora” (Hutcheon *apud* Greenberg, 2013, p. 29) no ponto em que retoma e põe em cena os questionamentos acerca da pobreza, da seca e da questão da terra no Brasil, destacando aspectos históricos referentes ao período de composição tanto do romance como de sua adaptação.

RERERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARRETO, Pedro Henrique. História – Seca, fenômeno secular na vida dos nordestinos. **Desafios do desenvolvimento: A revista de informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Brasília: 2009. Ano 6. Edição 48. 10 de março de 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=1214:catid=28. Acessado em: 27 de nov. 2024.

DEBS, Sylvie. **Cinema e literatura no Brasil: os mitos do sertão: emergência de uma identidade nacional**. Tradução Sylvia Nemer. Belo Horizonte: C/ Artes, 2010.

FERREIRA, J.G. et al. 2020. Representações dos retirantes das secas do Semiárido nordestino. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. 55, (dez. 2020). DOI:<https://doi.org/10.5380/dma.v55i0.73031>.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

OLIVEIRA, Gustavo Rodrigues De et al.. O retirante como objeto de análise na iconografia da seca do sertão. **Anais I CONIMAS e III CONIDIS...** Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/63717>>. Acesso em: 29/11/2024 16:42

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.

RIBEIRO, Kenia de Aguiar. Vidas Secas: uma obra-prima do Cinema Novo brasileiro. Universite Paris-Sorbone. Paris, 2017. Disponível em: <https://paris-sorbonne.academia.edu/KeniaDeAguiarRibeiro>. Acessado em: 03/12/2024.

SARAIVA, Juracy Assmann. Literatura e cinema: Encontro de linguagens. In: _____ . **Narrativas verbais e visuais: leituras refletidas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. p. 9-26.

VIDAS SECAS; Direção: Nelson Pereira dos Santos. Produção: Herbert Richers. Brasil: Herbert Richers Produções Cinematográficas, 1963. Arquivo AVI.